

PESSOA, FERNANDO. QUADRAS E OUTROS CANTARES,
Teresa Sobral Cunha ed., Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1997.

CAIO GAGLIARDI
(Pós Graduando IEL/UNICAMP)

“Uma frase bem
talhada, uma quadra
(...) acrescentam
qualquer coisa ao
sistema do universo”.

“E assim, inúteis
do acaso,
Senhores de nada
ser,
Cantamos o nosso
caso,
Poetas, ao
entardecer.”

(p.308)

Fernando Pessoa

Em *Quadras e Outros Cantares*, Teresa Sobral Cunha, cuja intenção inicial era de transcrever com fidelidade aos originais esses textos poéticos já conhecidos desde 1965, revela (sem esconder algum desvanecimento frente ao “prolongado descaso patrimonial” que nos depara), *um tanto mais do “lirismo puro” do Fernando Pessoa de 1934 e 35*, semeador da forma tradicional portuguesa. Nessa coletânea estão coligidas quadras simples ou “cantares”, sob o título de “Quadras”, e poemas em quadras ou canções, a maioria agrupada em “Outros Cantares”, e a outra parte em “Trovas”. Sua disposição obedece ao

princípio cronológico, de modo a alinhar em três diferentes seqüências poemas da fase inicial de Pessoa, como a famosa quadra de 1893¹, onde o ainda Fernando António canta o amor à D. Maria Madalena e a Portugal - um prenúncio daquele que viria a ser, segundo João Gaspar Simões, o “expatriado de si mesmo” - até 3 de novembro de 35, vinte e cinco dias antes, portanto, de sua internação no Hospital de S. Luís dos Franceses, em Lisboa, onde viria a falecer em dois dias.

Expressas por um “eu-lírico” cego, as trovas têm tons variáveis de acordo com a temática, indo do compadecimento a Sidónio Pais, por exemplo (1), ao messianismo de **Mensagem** (2):

(1)	(2)
...	...
“Quem é bom nunca é feliz, Quem é mau é quem tem razão; O Afonso está em Paris E o Sidónio num caixão.”	“Vejo o Encoberto voltar, Vejo Portugal subir, Há uma claridade no ar E um sol no meu sentir.”
(p. 361)	(p. 358)

Ou então, a propósito dos trechos acima e dum esboço de interpretação que serve como introdução aos poemas, onde a pesquisadora propõe, à luz do início de uma nova ordem mundial após a assinatura do Armistício, e do grande interesse de Pessoa pelos fenômenos políticos, uma “leitura para-iniciática que sinaliza um futuro estádio glorioso para Portugal”, quando “... por detrás da voz do cantador, o autor real ensaia o processo transfigurante, cuja emblematização poética estaria iminente, de Sidónio Pais.”:

“Um dia o Sidónio torna
Estar morto é estar a fingir.
Quem é bom pode perder a forma
Mas não perde o existir.”
(p.362)

Ainda nas trovas, predomina o espírito satírico, comum na tradição das cantigas medievais, sobretudo quando o poeta se direciona diretamente a outro(s):

¹ Aqui, a pesquisadora e editora data o poema de 1893, de acordo com C. Rodrigues (a quem faz referência em nota). Estranhamente, entretanto, S. Cunha afirma no seu texto introdutório: “De qualquer modo, se do precoce e instintivo apego à forma poética portuguesa é manifestação a quadra dos cinco anos do poeta menino em 1895...” (p.13). A questão surge do fato de que em 1895 Pessoa completava sete, e não cinco anos.

“Pascoas é muito escuro,
O Eugénio encarniçado.
São plantas num muro
Branquinho do meu eirado.”
(p.373)

Para S. Cunha, a disposição cronológica dos textos, primeiro a quadra dos sete (?) anos² e depois os “poemas de circunstância” na adolescência, revela uma “prefiguração, na forma e no conteúdo, de uma trabalho poético cumprido, sistematicamente, mais tarde.” Tanto que segundo proposta editorial do próprio autor vai-se dar início a “Quadras” com a de 1893, e a “Outros Cantares” com um poema de 1902.

É nessa segunda parte, aliás, pela voz saudosa de “Ó sino da minha aldeia” (1911), “Qualquer Música” (1927) e “Natal” (1927), que se verifica o canto triste da perda (1) daquele que fora “o menino de sua mãe”, ou mesmo, já em seus últimos momentos, o langor pela “vida que poderia ter sido e não foi” (2):

(1)
27.03.1934

“O som da chuva lá fora,
Pingos, vento, triste som,
Junta qualquer coisa à hora
Que faz dormi-la ser bom.

Dá um sentimento vago
De que não ser é um bem,
Como se à margem de um lago
Nunca estivesse ninguém.

Um som de chuva lá fora
Sem que se veja chover...
Dormir... Nunca ter agora
Noite sem dia... Esquecer...”

(p.304)

(2)
3.11.1935

“Nunca te achei nem te vi.
Mas, por imaginação
Dói de ti meu coração:
Tenho saudades de ti.

Nunca, amor, te conheci.
Mas, sem saber se existes,
Meus olhos de ti são tristes:
Tenho saudades de ti.

Quando outra achei, te perdi,
Só por a ter encontrado
Não sei se és sonho ou pecado
Sei que, enganado e exilado,
Tenho saudades de ti.”

(p.353)

Num momento precedido pelo impacto duma perspectiva crítica do *caso*-Pessoa, mais propriamente ajustado à tentativa de apreensão metaliterária de sua poesia, e sobre o qual já se verifica uma alteração rumo ao imaginário lingüístico do texto - seja pela vertente barthesiana, seja pela lacanianiana -; o aparecimento de mais de duas centenas de quadras e 14 poemas do espólio do poeta, traz novos ares a um universo literário saturado de “re-leituras” e “interpretações”.

² Vide nota 1.